

## **COLETIVO MANCHA: ZONAS AUTÔNOMAS TEMPORÁRIAS PARA PRÁTICAS ARTÍSTICAS EM PELOTAS-RS**

**BRUNO ZEFERINO DA SILVA<sup>1</sup>; HELENE GOMES SACCO**<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – borunoarte@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este resumo apresenta parte da minha pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, o qual faz uma reflexão sobre a criação e a atuação do Coletivo Mancha, grupo independente de artistas fundado em Pelotas/RS, que desde 2024 realiza ações voltadas à experimentação artística, à arte-educação e à ocupação de espaços públicos. Por meio de feiras gráficas, intervenções urbanas, cineclubes e oficinas educativas, o coletivo busca fortalecer a produção cultural local e tensionar os modos convencionais de produzir, circular, exhibir e ensinar arte.

A pesquisa parte da minha vivência como integrante do Mancha e propõe uma escrita atravessada pela prática da coletividade, entendendo a arte como espaço de encontro, escuta e resistência, em um contexto local. Me interessa compreender como grupos de artistas podem criar espaços autônomos e temporários que tensionam a lógica do “cubo branco” e questionam o sistema das artes visuais, instaurando brechas no cotidiano. De acordo com Howard Becker, todo sistema artístico acaba produzindo seus dissidentes. Artistas, ao perceberem as convenções estabelecidas como restritivas, passam a contestá-las e frequentemente a rejeitá-las. (BECKER, 1977).

No campo teórico, dialogo com autores que pensam os coletivos e suas práticas, como Howard Becker (1977), Daniela Labra (2009), Felipe Scovino (2010) e Cláudia Paim (2004, 2006). O conceito de Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), proposto por Hakim Bey (1985), é central para este estudo, pois permite compreender as ações do Mancha como experiências que instauram espaços de autonomia e sensibilidade. Também me aproximo das reflexões de Kátia Canton (2009) sobre micropolíticas, e às perspectivas de Paulo Freire (1996) e bell hooks (2017, 2021) para pensar práticas educativas construídas na horizontalidade e no diálogo.

Assim, este trabalho busca apresentar e discutir a pesquisa em andamento sobre o Coletivo Mancha, entendendo-o como criador de zonas autônomas temporárias que se desdobram na cidade de Pelotas, em diferentes formatos de ação cultural. Dessa forma, o estudo coloca em debate a potência da arte coletiva como gesto político e como alternativa às formas hegemônicas de produção cultural no contexto contemporâneo.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de caráter autoetnográfico (ELLIS, 2004) e a/r/tográfico (IRWIN, 2013), combinando experiência pessoal, prática artística e reflexão acadêmica. Essa escolha metodológica parte do reconhecimento de que não é possível separar a produção de conhecimento da vivência no coletivo. Estar dentro do Mancha é também produzir a pesquisa.

A autoetnografia permite articular a experiência subjetiva com reflexões críticas, enquanto a a/r/tografia possibilita compreender os atravessamentos entre ser artista, educador e pesquisador. As ações do coletivo como feiras, intervenções urbanas e oficinas, são analisadas como processos que produzem tanto objetos artísticos quanto relações, espaços e modos de circulação cultural.

O estudo se ancora, portanto, em três movimentos: (1) acompanhamento e registro das ações do coletivo; (2) diálogo com referências teóricas que discutem coletividade, arte contemporânea e educação; (3) escrita situada, que assume a parcialidade e a afetividade como parte do processo investigativo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas do Coletivo Mancha mostram como um grupo independente pode atuar como criador de zonas autônomas temporárias, promovendo momentos de encontro e experimentação. As zonas autônomas temporárias são “espaços de terra, de tempo ou de imaginação criados por grupos de pessoas com o intuito de estabelecer uma liberdade não hierárquica nos tempos atuais” (MIRANDA, 2014, p. 62). Embora distintas em formato, as ações citadas a seguir compartilham a mesma lógica de inventar espaços que escapam das lógicas convencionais, priorizam a horizontalidade e ampliam o acesso à arte.

Um primeiro exemplo são as feiras gráficas organizadas pelo coletivo desde 2024, conhecidas como “Odeio Essa Feira”. As 5 edições realizadas até o momento funcionaram como plataformas de circulação da produção pelotense. Artistas, editoras independentes e público se encontram em espaços coletivos, sempre de forma gratuita, criando uma rede de trocas que escapa à norma. A adoção de ações afirmativas a partir da terceira edição, com reserva de vagas para pessoas negras, indígenas, LGBTQIAPN+ e PCDs, ampliou a diversidade de participantes, tensionando desigualdades estruturais do campo artístico. Cada feira procura operar como uma zona autônoma temporária, criando um território provisório onde a arte circula de forma livre e inclusiva.

A intervenção urbana “Colantes: Entre Muros e Espaços”, realizada pelo Mancha em 2024, também evidencia esse movimento. Ao ocupar com lambe-lambes uma construção abandonada em frente ao Centro de Artes da UFPEL, o coletivo transformou uma “ruína urbana” em espaço expositivo coletivo. O gesto de deslocar obras para um território não institucional instaurou outro ritmo de fruição. A cidade deixou de ser apenas cenário e se tornou parte constitutiva

da proposição, abrindo espaço para novas formas de experiência artística no contexto urbano, mais livres e horizontais. Assim, compreende-se que a construção abandonada, mesmo que temporariamente, foi ressignificada e pode ser percebida como zona autônoma da arte.

Outro campo de atuação do Mancha se dá nas práticas educativas. O projeto “Mancha Expandida”, desenvolvido no abrigo “Filhos do Sol”, em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social de Pelotas, levou oficinas de colagem e criação de bandeiras, inspiradas no trabalho de Randolpho Lamonier, para adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Orientados em Paulo Freire (1996) e bell hooks (2017, 2021), os encontros foram construídos de forma dialógica e afetiva, valorizando as vivências subjetivas dos jovens. A produção de uma bandeira coletiva procurou demonstrar como a arte pode operar no campo da escuta e fortalecimento comunitário. Aqui, mais uma vez, acreditamos que nos aproximamos da constituição de uma zona autônoma temporária, agora no contexto educativo. O abrigo se transformou em território de liberdade criativa, esperança e expressão política.

Essas três frentes, embora distintas, compartilham a lógica comum de criar fissuras no cotidiano, próximas à instauração de zonas autônomas e temporárias onde a arte se expande, circula e se conecta com diferentes públicos e contextos não usuais do sistema artístico. O Coletivo Mancha, portanto, não só produz arte como se propõe a encontrar espaços onde ela se faz necessária ou até mesmo cria espaços como arte. São esses espaços, temporários e móveis, que permitem compreender o coletivo como criador de zonas autônomas na cidade de Pelotas, e assim como outros coletivos como o PORO, Opavivará e Filé de Peixe, acaba tensionando a lógica institucional e propondo novos modos de existir no campo da arte contemporânea no Brasil.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa, ainda em andamento, evidencia que o Coletivo Mancha atua como um laboratório de experimentação artística, educativa e social. Suas práticas, quando relacionadas às práticas de outros coletivos artísticos do Brasil, revelam a potência da coletividade como método de resistência e criação.

As feiras, intervenções urbanas e oficinas analisadas são compreendidas como processos de invenção de espaços. Cada ação se propõe a criar uma zona autônoma temporária que, mesmo passageira, produz efeitos duradouros. A prática coletiva do Mancha fortalece artistas emergentes, amplia a diversidade de vozes no circuito, aproxima públicos e tensiona hierarquias institucionais.

Mais do que relatar atividades, este trabalho busca situar o Mancha como parte de um movimento maior, no qual a arte coletiva se afirma como gesto político. Reconhecer essas experiências significa também compreender que a arte pode existir fora dos espaços legitimados, reinventando-se a partir das margens e criando brechas de autonomia. Desse modo, as práticas coletivas produzem relações, encontros e modos alternativos de circulação cultural que ampliam a percepção da arte na contemporaneidade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard. **Arte como ação coletiva**. In: BECKER, H. S. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2011.

CANTON, Katia. **Da política às micropolíticas**. Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 69 p.

ELLIS, Carolyn. **The ethnographic I: A methodological novel about autoethnography**. Walnut Creek, CA: AltaMira Press. 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução de Kenia Cardoso. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2024.

IRWIN, Rita L. **A/r/tografia**. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (org.). Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

LABRA, Daniela. **Coletivos artísticos como Capital Social**. Revista Desartes, n. 5, ago. 2009. Disponível em: [https://desarquivo.org/sites/default/files/labra\\_daniela\\_coletivos\\_artisticos.pdf](https://desarquivo.org/sites/default/files/labra_daniela_coletivos_artisticos.pdf). Acesso em: 05 ago. 2025.

MIRANDA, Ana Carolina. **Intervenções coletivas: a institucionalização dos coletivos de artistas no início do século XXI**. Curitiba: Appris Ltda, 2025, 119 p.

PAIM, Claudia. **Práticas coletivas de artistas na américa latina contemporânea**. Porto Alegre, Instituto de Artes/UFRGS, 1-10, Dez. 2006. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/2260?show=full>. Acesso em: 04 jun. 2025.

PAIM, Claudia. **Espaços de arte, espaços da arte: perguntas e respostas de iniciativas coletivas de artistas em Porto Alegre, anos 90**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5579>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SCOVINO, Felipe. REZENDE, Renato. **Coletivos**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/88721809/Renato-Rezende-e-Felipe-Scovino-Org-Coletivos#content=query:oficializada,pageNum:14,indexOnPage:0,bestMatch:false>. Acesso em: 04 ago. 2025.